

**VOLUME
D'HOMMAGE
AU GÉOLOGUE
GEORGES
ZBYSZEWSKI**

erc

Éditions Recherche sur les Civilisations



A ESTRATÉGIA DO POVOAMENTO DOS CHÃOS DE SINES DURANTE A PRÉ-HISTÓRIA

C. TAVARES DA SILVA* e J. SOARES**

Resumo

A prospeção exaustiva da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines, na costa alentejana, permitiu identificar e estudar cinco jazidas cronologicamente compreendidas entre o Mesolítico e a Idade do Bronze e distribuídas por uma área de menos de 4 km². Cada uma delas corresponde a um estágio bem definido do processo de ocupação : o Mesolítico de fácies geométrico em Vale Marim, o Neolítico Antigo em Vale Pincel I, o Neolítico final/Calcolítico inicial em Vale Pincel II, o Calcolítico pleno em Monte Novo e o « Bronze do Sudoeste » na Quitéria. Nota-se que durante o Mesolítico, o Neolítico Antigo e o Neolítico final/Calcolítico inicial as populações procuraram locais planos, abertos, baixos e arenosos, sem quaisquer condições naturais de defesa e onde não foram identificadas estruturas artificiais de carácter defensivo ; que, no Calcolítico pleno, foi escolhida uma zona elevada da encosta Sul dos Chãos, de onde se domina uma vasta paisagem e onde surgem numerosos afloramentos de gabro-diorito que ofereciam boas condições naturais de defesa, além de se terem construído estruturas que podem revelar igualmente preocupações defensivas ; que, na Idade do Bronze, com a Cultura do Bronze do Sudoeste, o povoado e a respectiva necrópole voltam, de novo, a ocupar uma zona baixa, plana e aberta, sem condições naturais de defesa. Recorrendo a observações efectuadas em outros arqueossítios do Sul de Portugal tenta-se interpretar essa diferente escolha das condições morfológicas de implantação, estabelecendo-se, para a encosta Sul dos Chãos de Sines, três grandes marcos no processo do povoamento :

— Os povoados sem defesas naturais na fase comunitária primitiva (Mesolítico e Neolítico).

— A procura de zonas elevadas e com boas condições naturais de defesa, na *Id.* do Cobre (primeiras manifestações guerreiras ; desagregação da comunidade primitiva).

— O retorno à planície na *Id.* do Bronze (formas embrionárias de uma organização estatal).

* Director do Sector de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines.

** Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Résumé

La pente sud du dôme éruptif de Chãos (Sines) qui présente des conditions d'habitat exceptionnelles a été recherché par l'Homme préhistorique tout au long de plusieurs périodes pour y installer son domicile. C'est ainsi, que dans une aire très réduite, moins de 4 km², nous trouvons des gisements du Mésolithique de faciès géométrique à trapèzes (Vale Marim), du Néolithique ancien (Vale Pincel I), du Néolithique finale /Calcolithique initiale (Vale Pincel II), du Calcolithique (Monte Novo) et de l'Âge du Bronze (Bronze II du SO : Quitéria). L'évolution des différentes formes d'implantation de l'habitat permet de décerner les facteurs socioéconomiques sur lesquels s'est basée la fixation humaine dans son devenir et d'isoler trois phases au processus de peuplement de la région :

— Les habitats à la proximité immédiate de la mer (falaise littorale), sur des sols sableux, occupant des surfaces planes et ouvertes sans conditions naturelles ou artificielles de défense (Mésolithique et Néolithique).

— Au contraire, ce sont les hauteurs qui attirent l'intérêt de la population calcolithique. Elle établit son habitation sur un point élevé de la pente de Chãos, ayant une vue assez étendue, ainsi que des bonnes conditions de défense. La communauté a des excédents à défendre ; les manifestations guerrières sont déjà un phénomène social important.

— Le retour à la plaine. À l'Âge du Bronze l'habitat se situe à la base du massif de Chãos à la proximité des terres cultivables ; sur un terrain plus sec et présentant de meilleures conditions de salubrité que celui du Calcolithique. L'apparente absence de nécessité de défense du site du Bronze peut être le résultat de l'existence des formes embryonnaires de l'organisation de l'État : un groupe social s'occuperait de l'administration et de la sécurité d'un territoire déterminé sans qu'il faille à chaque village posséder son propre appareil défensif comme il était en usage au Calcolithique.

A prospeção exaustiva e sistemática realizada pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines em torno do maciço eruptivo dos Chãos, entre Sines e S. Torpes, numa zona especialmente ameaçada pelas obras do complexo industrial em curso, permitiu identificar cinco jazidas cronologicamente compreendidas entre o Mesolítico e a Idade do Bronze que definem uma sucessão quase ininterrupta de grandes fases de ocupação e se distribuem por uma área de menos 4 km². Jazidas cujas formas de implantação na paisagem nos merecem algumas reflexões sobre a estratégia do povoamento e os respectivos factores de ordem socio-económica. Tanto mais que o modo como essas estações se distribuem no tempo e no espaço sugere uma ampla leitura do processo do povoamento pré-histórico de todo o Sul do País onde a arqueologia por micro-regiões só muito recentemente começou a ser feita e onde não são conhecidas outras sequências cronológicas tão completas e geograficamente tão bem definidas e limitadas como a da encosta Sul dos Chãos.

A soalheira encosta dos Chãos de Sines é dominada pelo maciço eruptivo do mesmo nome. De formação pós-jurássica¹, possivelmente neocretácica, esse maciço é essencialmente constituído por gabro-dioritos e, em parte, envolvido por uma auréola onde o metamorfismo transformou xistos do Paleozóico em corneanas pelíticas. A costa, rochosa e escarpada, recorta-se em pequenas praias e esporões e vai descendo, imperceptivelmente, até atingir a baía de S. Torpes, arenosa e baixa (5 a 6 metros). A encosta Sul dos Chãos vence, suavemente, sem quaisquer acidentes notáveis, um desnível de aproximadamente 100 metros, desde a cota máxima de 107 m até às terras baixas de S. Torpes. De uma paisagem (Monte Novo) em que afloram massas rochosas eruptivas dispersas e envolvidas por barros castanho-avermelhados resultantes da alteração de dioritos, os solos mais férteis da região,

1. G. ZBYSZEWSKI, Contribution à l'étude des terrains éruptifs du Cap Sines. *Com. dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXII, Lisboa, 1941, p. 85-98.

cerealíferos por excelência, desce-se para terrenos arenosos resultantes da alteração de arenitos argilosos plio-pleistocénicos e com marcadas influências da proximidade do maciço eruptivo (Vale Pincel II e Quitéria). Junto da falésia litoral, ocorrem manchas de areias dunares bem calibradas (Vale Marim e Vale Pincel I). O manto aquífero assenta sobre os xistos do Carbónico e revela-se, através de nascentes naturais, ao longo da costa. Torrentes de Inverno sulcam as vertentes dos Chãos.

Em VALE MARIM (GAUSS : X = 139 0 ; Y = 107 7), na extremidade Norte da baía de S. Torpes, sobre a falésia litoral, numa área plana, baixa (cota de 10-15 m), aberta, de areias dunares, limitada a Este por uma linha de água e nas proximidades de uma pequena praia, as recolhas de superfície e as efectuadas no talude que cai sobre o mar, bem como a recente abertura de uma sondagem, mostraram ter sido o local ocupado durante o Mesolítico. Os materiais recolhidos são exclusivamente líticos : indústria fundamentalmente lamelar, com abundantes subprodutos de talhe, núcleos com negativos de lamelas, microburis e utensílios em que sobressaem os geométricos (exclusivamente trapézios) ; presentes, ainda, os « encoches » sobre lasca e sobre lamela, as truncaturas, as lamelas de bordo abastido e os buris. O retoque é, de um modo geral, abrupto e directo. A matéria-prima utilizada foi o sílex cinzento-esverdeado, acastanhado, vermelho-acinzentado e branco, bem como o quartzito de grão fino e o quartzo leitoso.

Vale Marim teria sido, pois, ocupado por uma população integrável culturalmente em um Mesolítico de fácies geométrico rico em trapézios.

A análise da vida económica dessa população está prejudicada pela inexistência de fauna (em resultado da intensa lixiviação das areias). Porém, considerando a localização da jazida é de admitir que a economia se baseasse na exploração de recursos marinhos².

Apenas a cerca de 1 300 m para W.NW. de Vale Marim e igualmente junto da falésia litoral e de uma pequena praia, foi identificado o povoado do Neolítico Antigo de Vale Pincel I (Gauss : X = 137 ; Y = 108). Tal como em Vale Marim, abrange uma área plana, aberta e baixa (cota : 30 m), agora mais vasta (200 x 500 m aproximadamente), integrando um meio de areias dunares e não oferecendo quaisquer condições naturais de defesa. É limitado a Este e a Oeste, e atravessado, por linhas de água.

As observações de carácter estratigráfico efectuadas nos taludes da via-rápida que cortou V.P.I. e a realização de escavações revelaram numerosas estruturas de *habitat* que se agrupam em unidades habitacionais constituídas por fundos de cabana (amplas depressões atingindo 10 m de comprimento) e por lareiras situadas quer no interior, quer no exterior das cabanas, construídas a partir da abertura de covas de contorno ovalado e de perfil dissimétrico que recebiam calhaus destinados a conservar o calor. Foram ainda postos a descoberto, na parte superior do nível de ocupação, alguns pequenos empedrados, concentrações subcirculares de calhaus com acção do fogo.

Os fundos de cabana e as estruturas de combustão integravam um único nível de ocupação, subdividido em dois momentos, que forneceu abundante espólio lítico e cerâmico.

A indústria lítica em sílex (foi também trabalhado o quartzo leitoso e o quartzo cristal de rocha) revela um talhe predominantemente lamelar. As lamelas formam 73 % dos suportes dos instrumentos e o seu índice de transformação em utensílios é de 44 %. Os subprodutos são abundantes (66 % do total das peças recolhidas). Os núcleos surgem exaustos e irregulares. Quanto aos utensílios, o grupo tipológico melhor representado é o das *lamelas com retoque irregular e parcial e com traços de uso* (26 %). Por ordem decrescente, seguem-se os « encoches » e *denticulados* (10 %) ; os *raspadores* (9 %) ; os *geométricos* (9 %), provenientes, principalmente, da base do nível de ocupação e representados essencialmente por *segmentos de círculo* ; os *furadores* (8 %), quase sempre sobre lamela e com

2. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

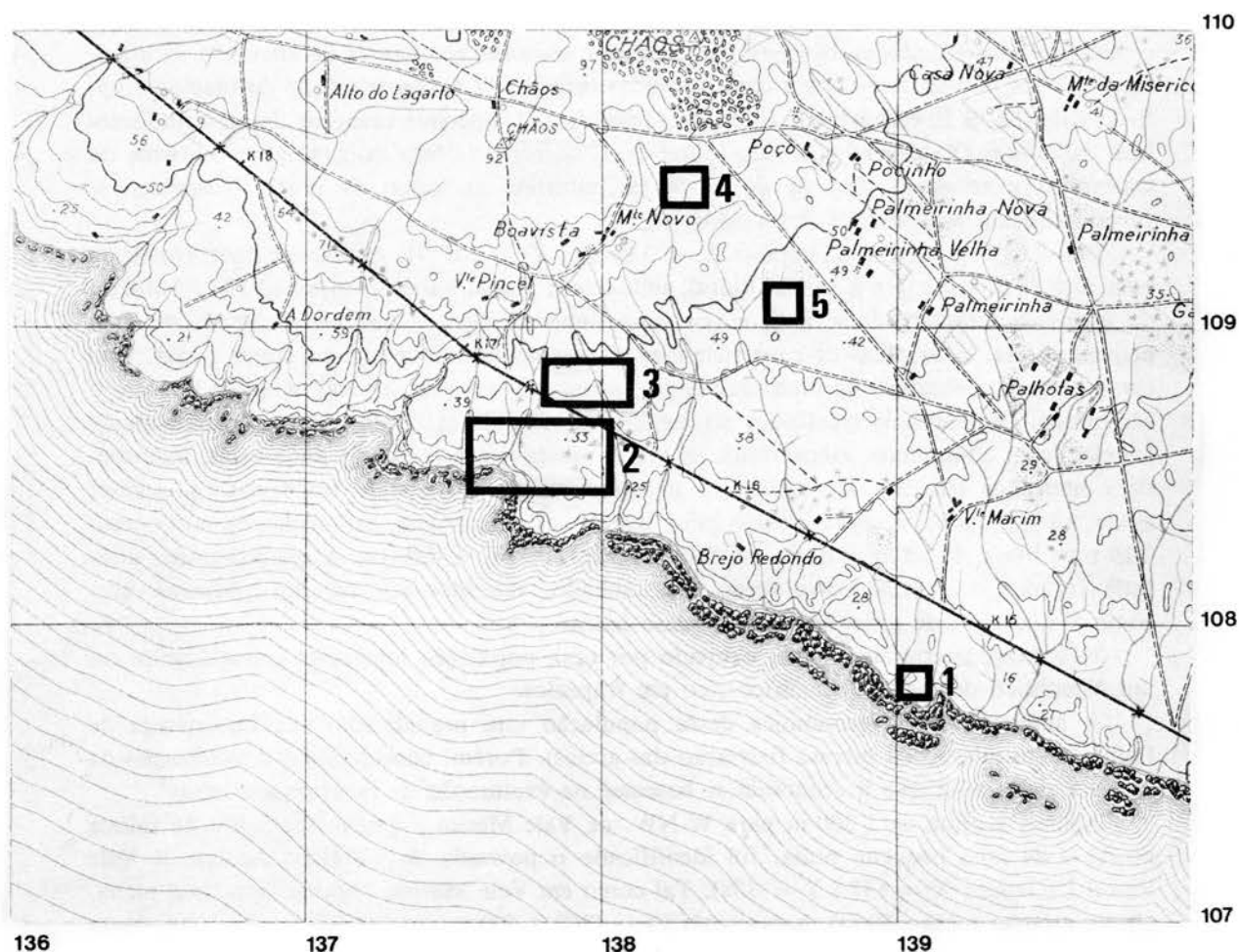


Fig. 1 : Localização das estações arqueológicas da encosta Sul dos Chãos na carta de 1 : 25 000 : 1 — Vale Marim, 2 — Vale Pínel I, 3 — Vale Pínel II, 4 — Monte Novo, 5 — Quitéria.

ponta por vezes muito aguçada ; as *lamelas de bordo abatido* (8 %) ; os *buris* (6 %), presentes unicamente na parte superior do nível de ocupação ; os *elementos de foice* (6 %) sobre lamelas com « lustre de cereal ». Alguns segmentos de círculo revelaram a utilização da técnica do microburil.

A utensilagem em pedra polida/picotada é rara : fragmento de um utensílio indeterminado de secção oval e talão picotado em gabro cinzento-esverdeado e um fragmento de mó manual.

A cerâmica de V.P.I. caracteriza-se por formas muito simples (esféricos altos e taças em calote) e por decoração essencialmente impressa (por vezes cardial) e plástica. As matrizes utilizadas na decoração impressa são pouco variadas : recorreu-se geralmente ao punção actuado obliquamente, obtendo-se, assim, impressões ovaladas ; são pouco frequentes as impressões em cunha ou em U, bem como as cardiais. A decoração plástica, restringindo-se quase sempre à zona superior do vaso, é constituída por cordões horizontais, muitas vezes segmentados por traços impressos, e por mamilos situados em muitos casos sobre o bordo e associados aos cordões. A decoração incisa é rara e ocorre principalmente na parte superior do nível de ocupação ; presente o sulco horizontal localizado junto ao bordo³.

3. Sobre Vale Pínel I : J. SOARES e C.TAVARES DA SILVA, Alguns aspectos do Neolítico Antigo do Alentejo Litoral. *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, 1979, p. 9-52. — C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

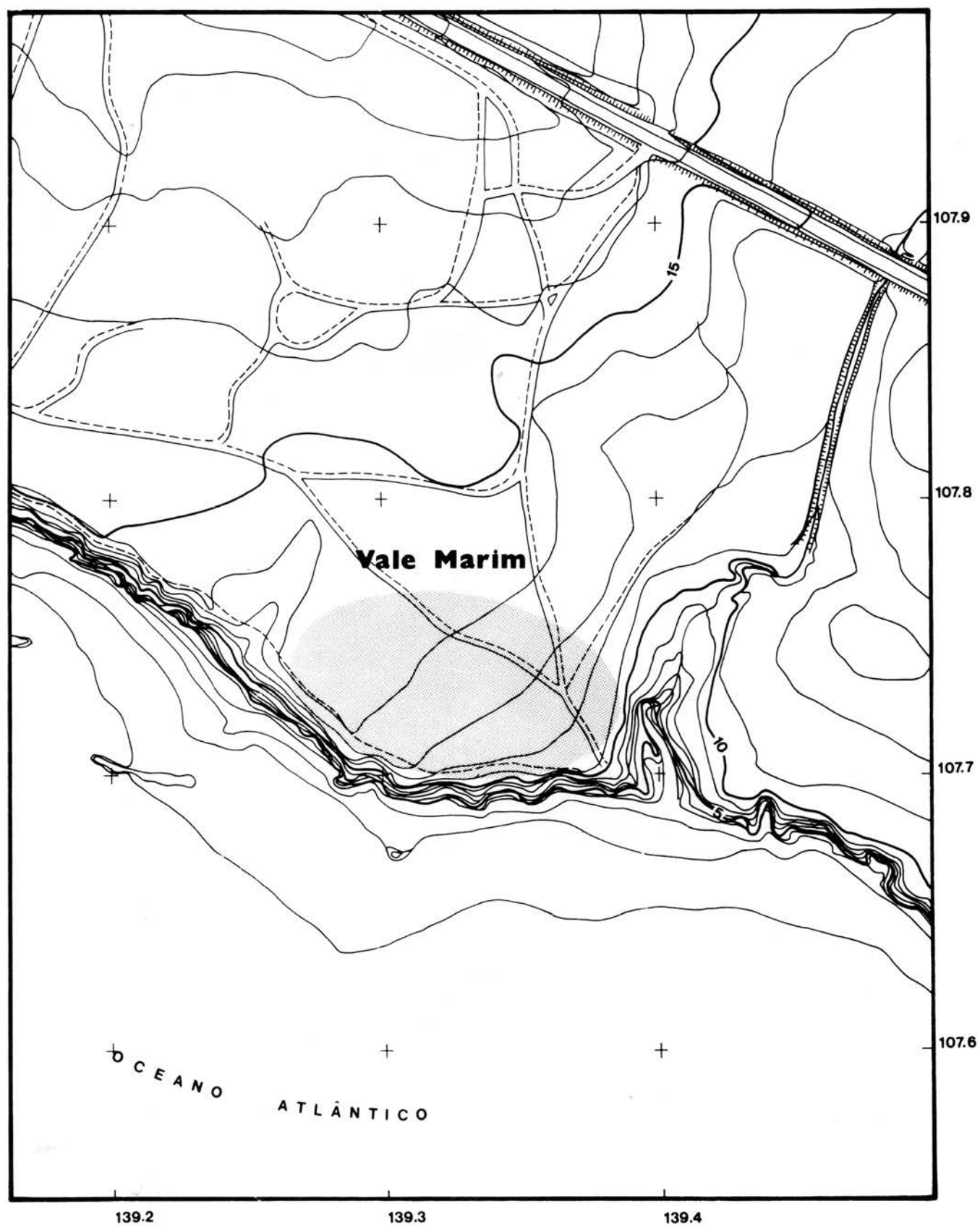


Fig. 2 : Localização de Vale Marim.

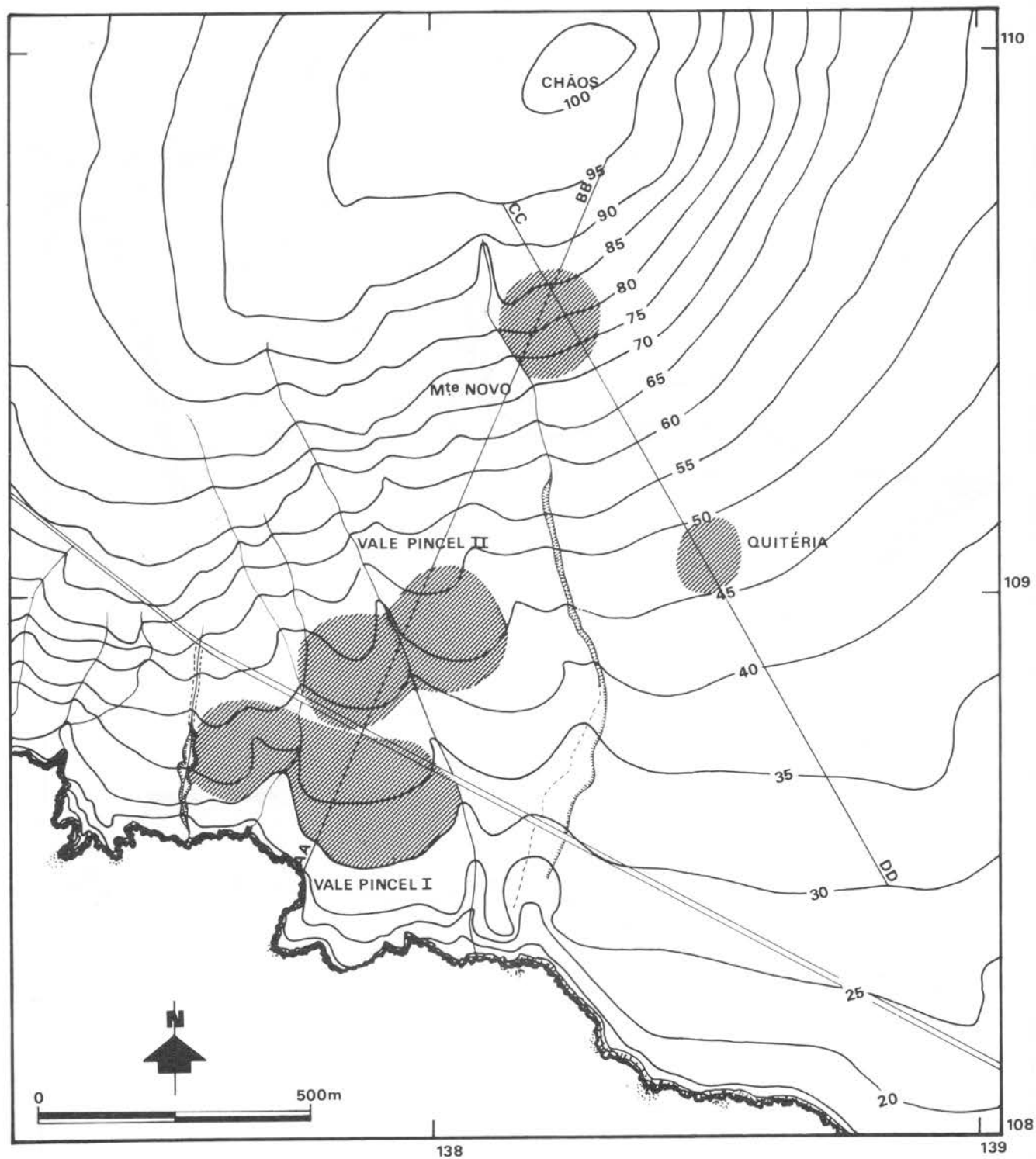


Fig. 3 : Localização das jazidas de Vale Pincel I, Vale Pincel II, Monte Novo e Quitéria.

VALE PINCEL II (Gauss : X = 137 9 ; Y = 108 9) contacta a Sul com V.P.I. Ocupa uma vasta área (C. 200 x 400 m) sensivelmente plana, aberta e baixa (cota de 35-45 m), arenosa e seca (solos resultantes da alteração de arenitos mal consolidados do Plio-plistoceno), nas imediações dos férteis barros castanho- avermelhados resultantes da alteração de gabrodioritos ; é atravessada e ladeada por linhas de água que descem a encosta dos Chãos. Dista cerca de 250 m da falésia litoral. Estão ausentes quaisquer condições naturais de defesa.

As recolhas de superfície e a abertura de uma sondagem proporcionaram abundante espólio, sobretudo cerâmico, correspondente a uma ocupação do Neolítico final/Calcolítico inicial. A indústria em pedra lascada é quase inexistente (apenas uma lamela em silex, retocada), enquanto a de pedra polida está bem representada (enxós e elementos de mós, materiais indicativos da prática de uma relevante actividade agrícola). A cerâmica, em geral lisa (exceptuam-se um bordo denteado e um fragmento com sulco horizontal junto ao bordo), apresenta acentuada variedade morfológica : *pratos de bordo sem espessamento* (0,5 %) ; *taças largas de bordo espessado internamente* (11 %) ; *taças carenadas*, de grande diâmetro (atingem 470 mm na boca) (5 %) ; *taças em calote* (57 %) ; *esféricos*, com o diâmetro da boca igual ou pouco inferior ao diâmetro da pança, por vezes com mamilos de preensão alongados situados a curta distância do lábio (25 %) ; *globulares*, recipientes esféricos de boca fechada (1 %) e « *potes* », vasos de grandes dimensões, de forma aproximadamente globular mas com o bordo espessado externamente (0,5 %).

Além dos recipientes há ainda a considerar o aparecimento de outros produtos em cerâmica, destacando-se os chamados « *pesos de tear* », placas paralelepípedicas quase sempre com um furo em cada topo e, mais raramente, com dois⁴.

A 600 metros para E.-N.E. de Vale Pincel II, numa zona elevada (cota de 70-90 m) da encosta Sul dos Chãos, situa-se o povoado do Calcolítico pleno de MONTE NOVO (GAUSS : X = 138 2 ; Y = 109 5). Daí se abrange uma vasta paisagem que se estende para Sul, Sudeste e Sudoeste ; domina-se toda a baía de S. Torpes. Afloramentos de gabrodiorito (matéria-prima da indústria de pedra polida) contribuíam para a defesa natural do sítio.

Os terrenos são muito argilosos e férteis, sobretudo no que respeita ao cultivo de cereais ; resultaram da alteração dos gabrodioritos subjacentes.

A área do povoado tem cerca de 150 m por 150/200 m e é limitada a Oeste por uma linha de água.

A relativa insalubridade do local, consequência dos terrenos argilosos e húmidos, foi compensada pelas boas condições naturais de defesa que oferecia a uma população detentora de uma economia marcadamente agrícola e com importantes excedentes a defender.

O espólio exumado em Monte Novo integra um único nível de ocupação calcolítica ; mostra grande abundância de mós manuais, escassa indústria lítica em pedra lascada (ponta de seta de base recta ; lâmina em silex) e uma cerâmica lisa morfológicamente muito variada : *pratos de bordo sem espessamento* (7 %), *pratos de bordo almendrado* (43 %), *taças largas de bordo espessado internamente* (12 %), *taças em calote* (28 %), *esféricos* (6 %) e « *potes* » (5 %). Verifica-se que, relativamente à cerâmica de Vale Pincel II, falta a *taça carenada*, estando presente uma forma nova — o *prato de bordo almendrado*. Além disso, os *pratos de bordo sem espessamento* e os « *potes* » surgem numa frequência muito superior à de V.P.II, enquanto, pelo contrário, as *taças em calote* e os *esféricos*, sobretudo os que possuem mamilos alongados, ocorrem em Monte Novo numa percentagem mais baixa que em V.P.II. Finalmente, há a considerar o facto de os « *pesos de tear* » paralelíp-

4. Sobre Vale Pincel II, cf. : C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, Setúbal, 1976-1977, p. 179-272.

— C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

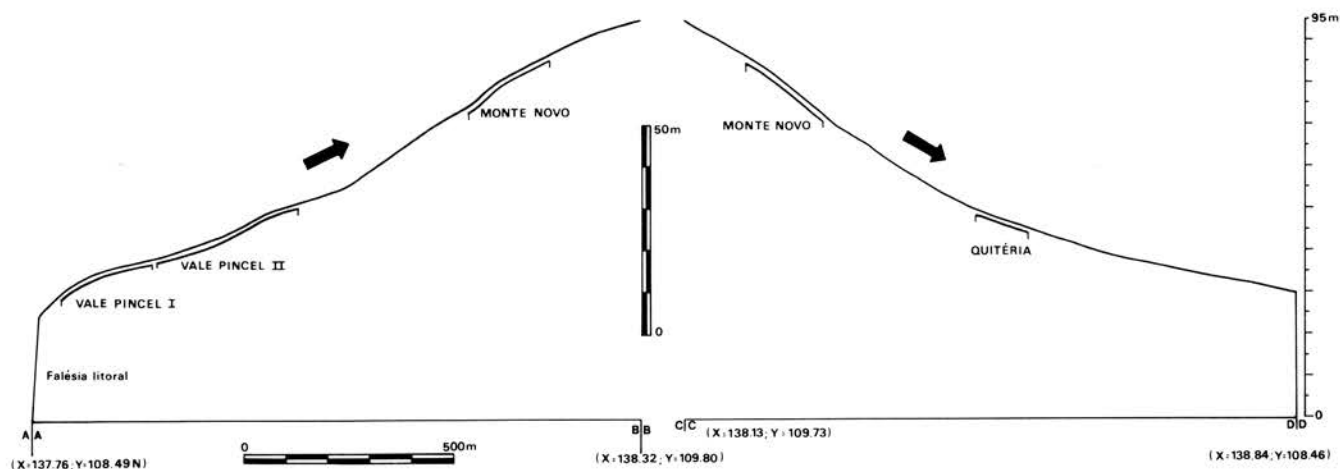


Fig. 4 : Perfis topográficos da encosta sul do maciço eruptivo dos Chãos em que estão patentes os dois movimentos de sentido oposto descritos pelas comunidades pré-históricas que a habitaram. Monte Novo, o arqueosítio que marca o limite superior do movimento ascendente, corresponde ao momento em que às condições de salubridade do habitat se sobrepõem as de defesa.

pédicos e com um furo em cada topo, tão comuns em V.P. II, não surgirem em M.N. e, por outro lado, aparecerem neste povoado os chamados « crescentes », peças arqueadas, em cerâmica, de secção circular e com um furo em cada extremidade, inexistentes, ou muito raras, em V.P.II.⁵

No sopé da encosta Sul dos Chãos, apenas a cerca de 500 metros para S.-S.E. de Monte Novo e a 1 km da linha de costa, localiza-se a necrópole e o respectivo núcleo habitacional da Quitéria (GAUSS : X = 138 5 ; Y = 109 0), do « Bronze do Sudoeste ». Ocupa uma área plana, baixa (cota de 45-50 m), aberta e arenosa (solos resultantes da alteração de formações argilo-arenosas do Plio-plistoceno). Embora junto dos férteis barros dos Chãos, procurou-se implantar o *habitat* em terrenos secos, com boas condições de salubridade. As preocupações de defesa patentes em Monte Novo não eram, pois, sentidas pela comunidade da Idade do Bronze que habitou a Quitéria.

A escavação da necrópole pôs a descoberto 24 sepulturas de tipo cista, de orientação E.NE.-W.SW., integradas em recintos tumulares de planta rectangular limitados por lajes colocadas verticalmente. Algumas sepulturas conservavam ainda tampa, monolítica. Quando continham espólio, este era constituído por uma única peça, quase sempre em cerâmica. Assim, do interior das sepulturas vieram taças semiesféricas de base aplanada ; vasos de colo estrangulado e corpo esférico decorados ou por zonas horizontais de pontuações, pequenas nervuras verticais e motivos incisos, ou por nervuras verticais em todo o bojo ; taças tipo Atalaia ; taça larga de carena baixa cujo perfil se aproxima do da taça tipo Santa Vitória e copo tronco-cónico de carena baixa, decorado por séries verticais de mamilos. Surgiram ainda um « elemento de xorca », em cerâmica, e o fragmento de um punção (?) em cobre.

No exterior das sepulturas foram igualmente colocadas oferendas : vasos em cerâmica, inteiros ou fragmentados.

O núcleo habitacional correspondente à necrópole da Quitéria situava-se a poucos metros para Norte e as sondagens abertas, além de porem à vista estruturas de combustão,

5. Sobre Monte Novo : — C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, Contribuição para o conhecimento dos povoados calcólicos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, Setúbal, 1976-1977, p. 179-272.

— C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

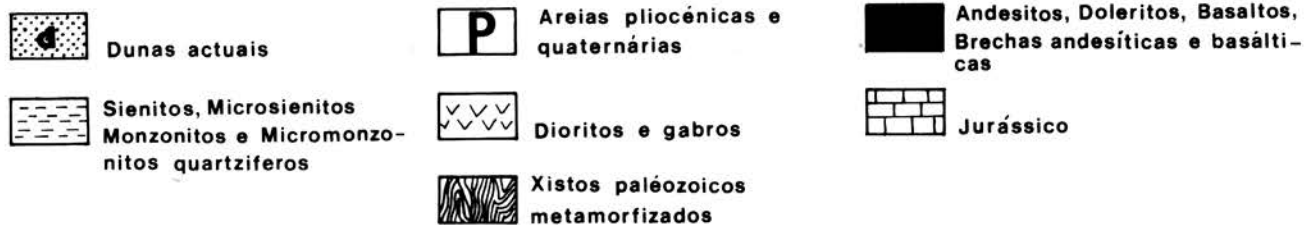
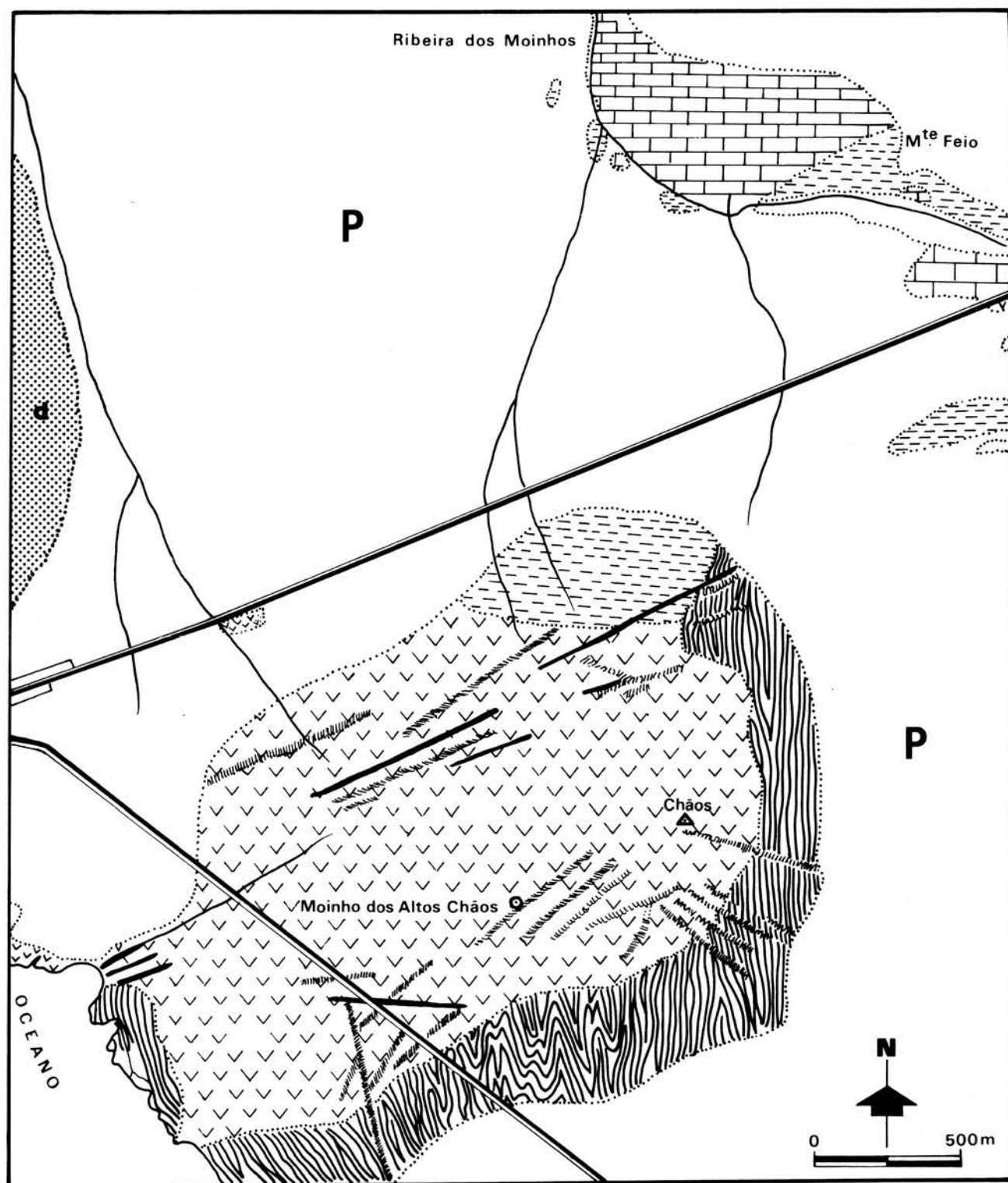


Fig. 5 : Extracto da carta geológica esquemática do Cabo de Sines. Seg. G. Zbyszewski.

fornececeram abundantes fragmentos de recipientes em cerâmica lisa, destacando-se as taças de bordo espessado internamente e de lábio arredondado e as taças largas de carena média e parede côncava⁶.

Acabámos de passar em revista cinco jazidas distribuídas por uma área geográfica muito reduzida (4 km²), cada uma delas correspondendo a um estágio bem definido e limitado do processo de ocupação : o Mesolítico de fácies geométrico em Vale Marim, o Neolítico Antigo em Vale Píncel I, o Neolítico final/Calcolítico inicial em Vale Píncel II, o Calcolítico pleno em Monte Novo e o « Bronze do Sudoeste » na Quitéria. Durante o período de tempo considerado (cerca de cinco mil anos) as transformações económico-sociais desenvolvidas ter-se-iam reflectido na procura do local destinado ao estabelecimento de cada povoado ?

Para além de se verificar que no Mesolítico e no Neolítico Antigo as populações, exclusivamente depredadoras no primeiro caso e detentoras de incipientíssimas formas de produção de alimentos, no segundo, se localizam sobre a falésia litoral para, desse modo, fruírem mais facilmente dos resultados da exploração dos recursos marinhos, e de no Neolítico final, Calcolítico e Idade do Bronze se assistir a um certo internamento para junto de terrenos férteis embora, por vezes, difíceis de trabalhar, observa-se uma diferente escolha das condições morfológicas de implantação. É este último aspecto, pela informação de carácter paleo-sociológico que indirectamente pode fornecer, que nos propomos abordar.

Notámos que durante o Mesolítico, o Neolítico Antigo e o Neolítico final/Calcolítico inicial as populações procuram locais planos, abertos, baixos e arenosos, sem quaisquer condições naturais de defesa e onde não foram identificadas estruturas artificiais de carácter defensivo ; que, no Calcolítico pleno, foi escolhida uma zona elevada da encosta Sul dos Chãos, de onde se domina uma vasta paisagem e onde surgem numerosos afloramentos de gabro-diorito que ofereciam boas condições naturais de defesa, além de se terem construído estruturas que podem revelar igualmente preocupações de carácter defensivo ; que na Idade do Bronze, com a Cultura do Bronze do Sudoeste, o povoado e a respectiva necrópole voltam, de novo, a ocupar uma zona baixa, plana e aberta, sem condições naturais de defesa, situada no seio de terrenos francamente produtivos.

O que se verifica em outras regiões do Sul do País reforça as observações efectuadas nos Chãos de Sines e ajuda a interpretá-las. Assim, as jazidas do Mesolítico e do Neolítico Antigo até agora identificadas no Sul de Portugal (concheiros do Vale do Sado⁷, povoados mesolíticos de Vale Marim e da Samouqueira⁸, na Área de Sines, povoados do Neolítico Antigo e Antigo Evolucionado de Fonte de Sesimbra⁹, Alvalade do Sado¹⁰, Salema¹¹, na margem esquerda da ribeira da Cascalheira, entre Melides e Santiago do Cacém, Vale Píncel I, Vale Vistoso¹², na costa alentejana, entre Porto Covo e Vila Nova de Mil Fontes, Cabranosa¹³, na Ponta de Sagres e Caramujeira¹⁴, no litoral Algarvio, próximo de Lagoa) ocupam, todas elas, locais baixos, planos, abertos e arenosos (secos). Pelo estudo dos materiais encontrados nessas estações pensamos estar em presença dos vestígios de comunidades

6. Sobre A Quitéria : C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

7. M. FARINHA DOS SANTOS, J. SOARES e C. TAVARES DA SILVA, O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do Sado-Torrão) : primeira notícia. *Actas do III Congr. Nacional de Arqueologia*, Porto, 1974, p. 173-189.

8. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *op. cit.*, nota 6.

9. J. SOARES, C. TAVARES DA SILVA e L. BARROS, Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*, vol. V, Setúbal, 1979, p. 47-65.

10. Jazida identificada pelos autores, em estudo.

11. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *op. cit.*, nota 6.

12. *Op. cit.*, nota 6.

13. O. DA VEIGA FERREIRA e M. LEITÃO, *Portugal Pré-histórico : seu enquadramento no Mediterrâneo*, Lisboa, s.d.

14. M. VARELA GOMES, J. PINHO MONTEIRO e E. DA CUNHA SERRÃO, A estação pré-histórica da Caramujeira : trabalhos de 1975-1976. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1978, p. 35-72.

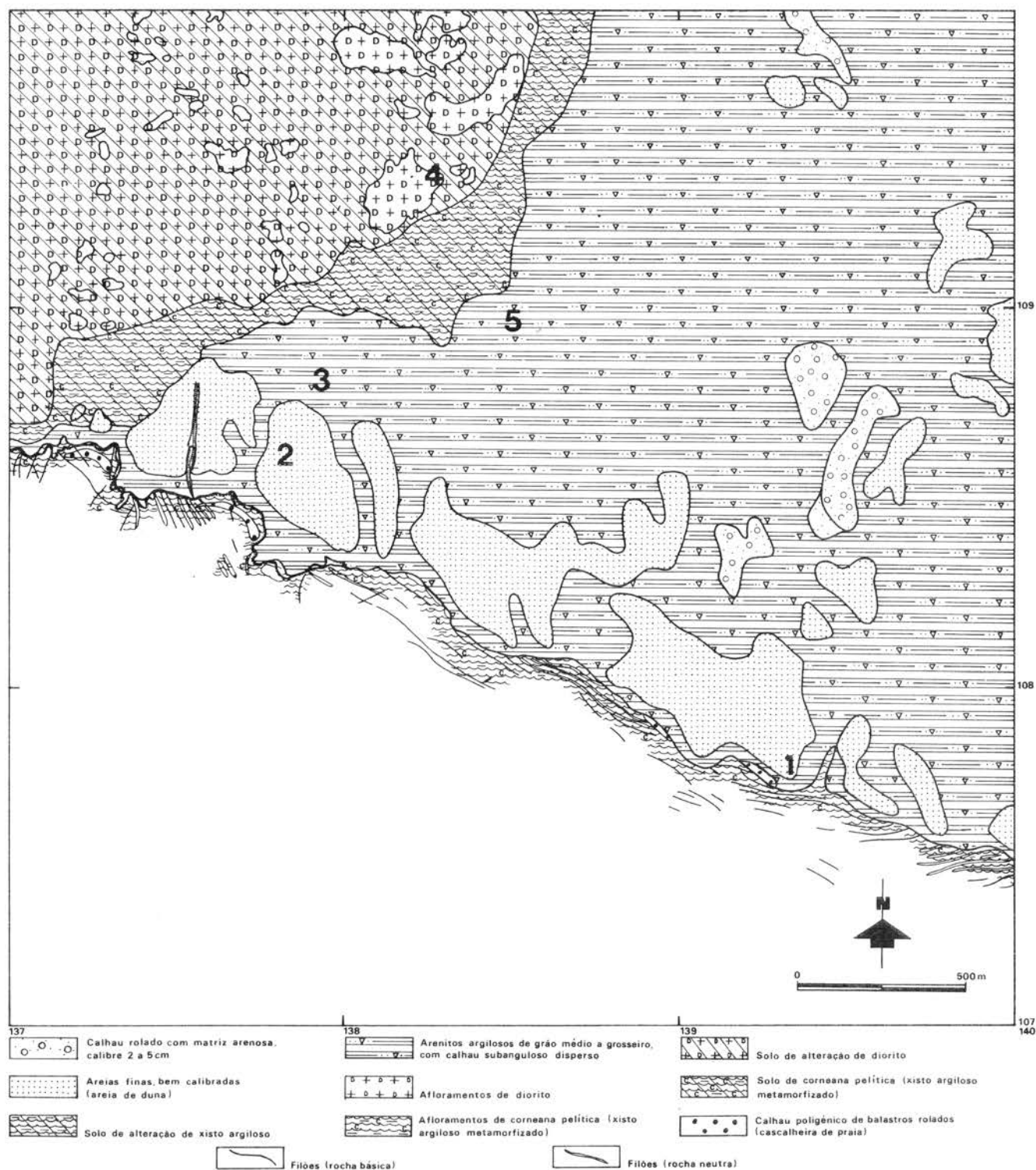


Fig. 6 : Carta litológica da encosta sul dos Chãos. Os números indicam a localização das jazidas : 1 — Vale Marim, 2 — Vale Pincel I, 3 — Vale Pincel II, 4 — Monte Novo, 5 — Quitéria.

com escassos excedentes — em resultado de uma produção muito baixa fundamentada na pesca, na caça e na recollecção (a agricultura ocuparia, no nosso Neolítico Antigo, um lugar certamente secundário) —, e de baixa densidade demográfica, o que obrigaria a formas constantes de cooperação, à propriedade colectiva dos meios de produção e à ausência de diferenças de riqueza e de *status* social; consequentemente, a guerra seria um fenómeno inexistente e os locais de habitação não necessitariam de defesas naturais.

No Alentejo, são dos finais do Neolítico/inícios do Calcolítico os primeiros povoados de cumeeada conhecidos (Cabeço da Mina¹⁵, entre o Torrão e Vila Nova da Baronia), embora em zonas costeiras o mesmo horizonte esteja representado por povoados abertos, planos e baixos: Vale Pincel II, Possanco, na Comporta¹⁶, Caramujeira¹⁷, no Algarve e Papa Uvas¹⁸, já fora do território nacional, em Huelva.

É sem dúvida o aumento da produção, baseado no desenvolvimento da agricultura e da criação de gado que, no interior (Cabeço da Mina), levará ao aparecimento de um sobreproduto económico, como a construção dos grandes monumentos da fase do apogeu do megalitismo, no Neolítico final, parece indicar. Esse excedente criará também condições



Fig. 7 : Vale Marim situa-se sobre a falésia litoral, em um pequeno esporão aplanado, servido por uma praia, actualmente de baixa-mar, onde desagua uma importante linha de água.

15. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, Setúbal, 1976-1977, p. 179-272.

16. L. RIBEIRO, G. ZBYSZEWSKI e O. DA VEIGA FERREIRA, Estatua de « terra cota » da Comporta (Setúbal). *Arquivo de Beja*, vol. XXII, Beja, 1965, p. 185-190. J. SOARES e C. TAVARES DA SILVA, O Neolítico da Comporta. *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Lisboa/Setúbal, 1980, p. 13-17.

17. Cf. nota 14.

18. D. RUIZ MATA e J.C. MARTIN DE LA CRUZ, Noticias preliminares sobre los materiales del yacimiento de Papauvas (Aljaraque, Huelva). *Cuadernos de Pre-historia y Arqueologia*, 4, Madrid, 1977, p. 35-48.

para que a comunidade assimile os primeiros impulsos ligados à metalurgia do cobre e se complexifique através de uma grande divisão social do trabalho : nela emergirá um grupo de artifices especializados que, progressivamente, se irá apropriar do sobreproduto económico. A acumulação de riqueza por um grupo diferenciado do todo social determinará o aparecimento de um aparelho que defenda esse excedente, ao mesmo tempo que originará formas de desigualdade económico-social. Os povoados, integrando possivelmente uma organização de feição tribo-patriarcal, passam então a situar-se em locais elevados, com boas condições naturais de defesa ; são, além disso, frequentemente rodeados por muralhas. A este modelo obedece, com efeito, a localização dos numerosos povoados calcolíticos conhecidos na Estremadura e os do Calcolítico pleno do Baixo Alentejo e Algarve (Monte Novo, Cortadouro¹⁹, Cerros dos Castelos da Corte de João Marques²⁰ e de Santa Justa²¹ e Alcalar²²).

Os povoados da Cultura do « Bronze do Sudoeste » são, por enquanto, conhecidos somente na Área de Sines. Aqui, graças a prospecções sistemáticas e à realização de escavações em extensão foram identificados, além do da Quitéria, os povoados correspondentes às necrópoles da Provença (S. Torpes) e do Pessegueiro (Porto Covo)²³. Tal como na Quitéria, também na Provença e no Pessegueiro a área habitacional ocupa uma zona plana, baixa e aberta. Ora, a mudança na escolha do local para estabelecimento do povoado que se observa na passagem do Calcolítico para a Idade do Bronze deve reflectir as profundas modificações de carácter socio-económico e cultural que entretanto teriam ocorrido. O incremento e a generalização da metalurgia do cobre que acompanham o desenvolvimento do « Bronze do Sudoeste » teriam acentuado, por um lado, a divisão social do trabalho processada no Calcolítico, e, por outro, provocado um maior desenvolvimento das forças produtivas. Este dois factores teriam, por certo, estado na base de uma progressiva alteração das estruturas sociais comunitárias no sentido do aparecimento das primeiras formas da sociedade classista e do Estado. Com efeito, as sepulturas tornam-se individuais, se bem que continuem integradas em monumentos talvez de carácter familiar patriarcal. Este individualismo, manifestado ao nível do culto dos mortos, pode reflectir a desagregação da vida comunitária. Além disso, algumas sepulturas (sep. 12 da Provença, p.ex.) teriam recebido um número relativamente rico de oferendas, enquanto a maioria, mesmo quando conservam a tampa e não acusam sinais de violação, apresentam somente uma peça ou não contêm nenhuma, facto relacionável com a existência de diversos graus de riqueza. Há ainda a referir o aparecimento, em necrópoles do Bronze do Sudoeste, de raras tampas decoradas em que estão patentes representações de armas e de outros artefactos metálicos bem como uma figura ancoriforme que constituiria, possivelmente, um símbolo de comando e autoridade. Perante esta documentação, M. Varela Gomes e J. Pinho Monteiro ²⁴ chegaram à conclusão de que os personagens inumados nas cistas providas de tampas esculpidas « auferiam de um estatuto social diferente e superior ». Os mesmos autores acrescentam que as estelas do Sudoeste mostram « o passo de uma estrutura que, baseada na diferenciação, é, no seu todo orgânico indiferenciada, a outra onde o corpo social se fragmenta e começa a emergir a esfera política, os rudimentos do Estado ». É nesta perspectiva que o tipo de localização dos povoados do « Bronze do Sudoeste » conhecidos é relacionável com a existência de um poder centralizador, forma embrionária do Estado, que dominaria um determinado ter-

19. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES *op. cit.*, nota 15.

20. V. DOS SANTOS GONÇALVES, Cerro do Castelo de Corte João Marques. *Descobertas Arq. no Sul de Portugal*, Lisboa/Setúbal, 1980, p. 23-25.

21. V. DOS SANTOS GONÇALVES, Cerro do Castelo de Santa Justa. *Descobertas Arq. no Sul de Portugal*, Lisboa/Setúbal, 1980, p. 27-35.

22. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *op. cit.*, nota 15.

23. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *op. cit.*, nota 6.

24. M. VARELA GOMES e J. PINHO MONTEIRO, As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel — Beja) — estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, Setúbal, 1976-1977, p. 281-343.

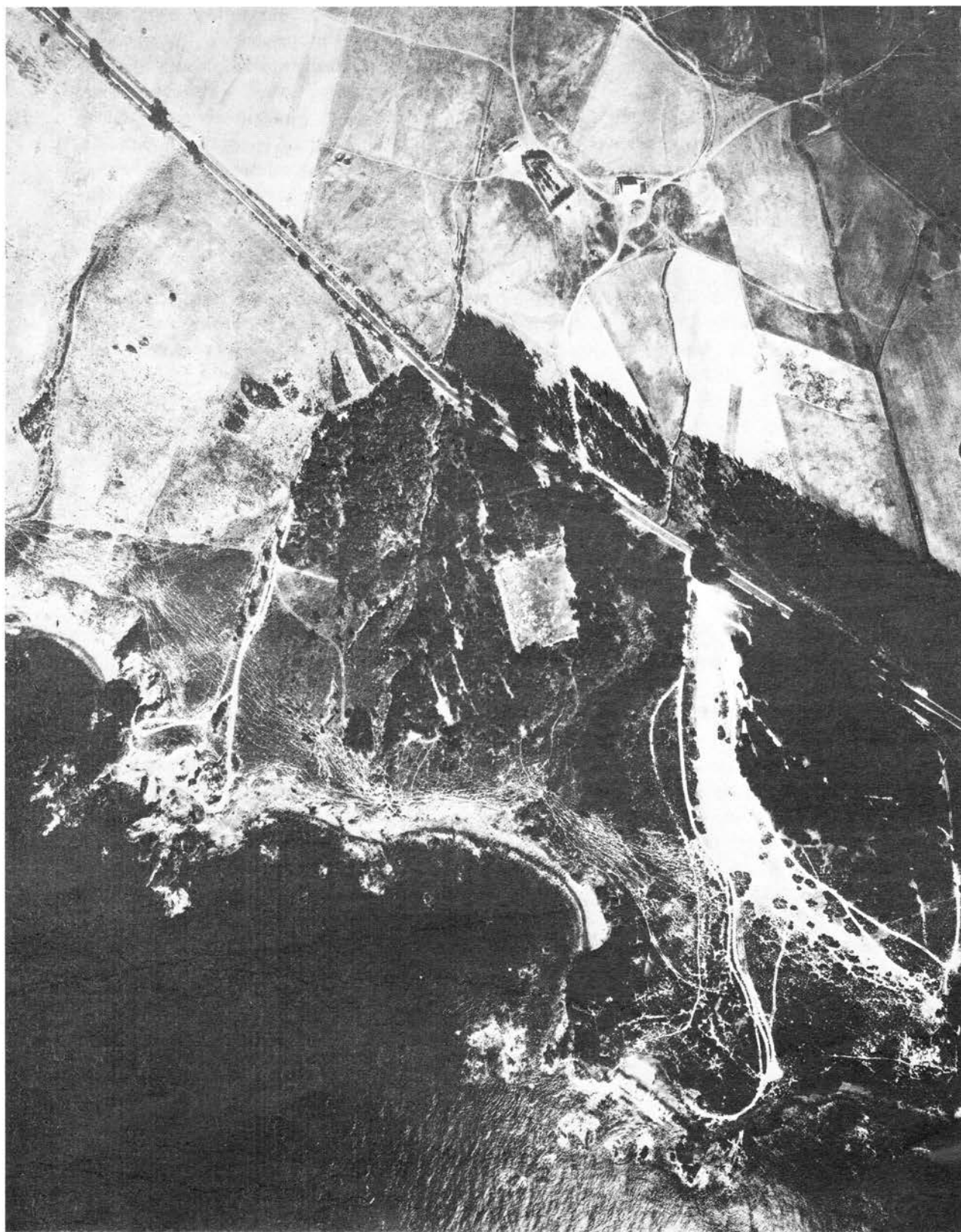


Fig. 8 : *Vista aérea do povoado de Vale Pincel I.*

ritório de cuja segurança se ocuparia. Assim, é possível que povoados como os da Quitéria, Provença e Pessegueiro, sem condições naturais de defesa, tenham a sua contrapartida em povoados fortificados do interior, ainda não identificados, onde residiria a classe dominante. Aliás, à semelhança do que foi já notado pelos autores²⁵ em relação à estratégia do povoamento do Alentejo e Algarve durante o Bronze final (Horizonte da Cerâmica de Ornatos Brunidos) em que povoados fortificados e de cumeada como o Outeiro do Circo²⁶ contrastam com outros, de planície, como os da Cerradinha²⁷ e Pontes de Marchil²⁸.

Resumindo e concluindo, e tal como afirmámos noutro lugar²⁹, o que sabemos acerca da evolução económico-social e dos factores geográficos de fixação permite-nos estabelecer, para a encosta Sul dos Chãos de Sines, três grandes marcos no processo do povoamento :

— Os povoados sem defesas naturais na fase comunitária primitiva (Mesolítico e Neolítico).

— A procura de zonas elevadas e com boas condições naturais de defesa, na Idade do Cobre (primeiras manifestações guerreiras ; desagregação da comunidade primitiva).

— O retorno à planície na Idade do Bronze (formas embrionárias de uma organização estatal).

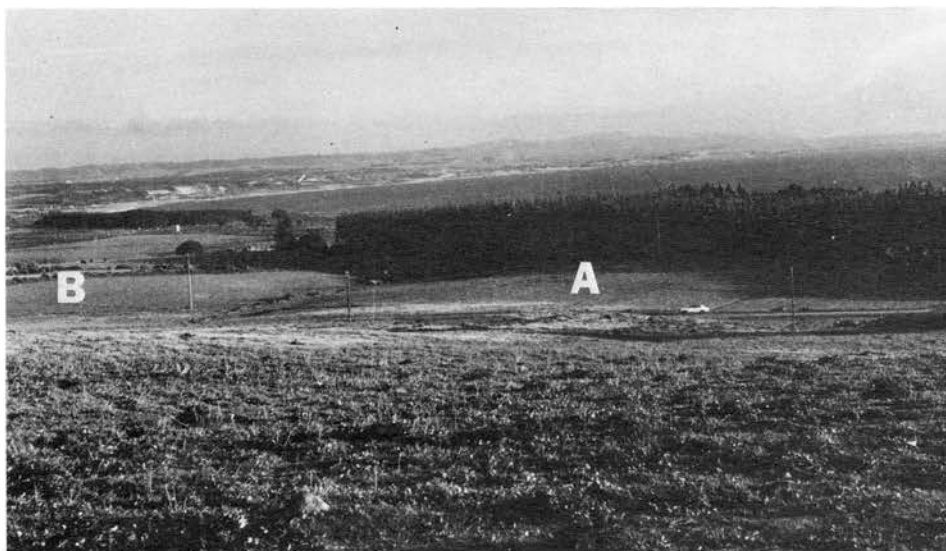


Fig. 9 : Vale Pincel II, com os seus dois núcleos (A e B) separados por uma linha de água, situa-se em uma zona de ligeiro declive, do sopé da encosta Sul do maciço dos Chãos, nas proximidades de terrenos férteis.

25. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, IV, Setúbal, 1978, p. 92.

26. R. PARREIRA, Povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja). *Arquivo de Beja*, 28-32, p. 31-45.

27. *Op. cit.*, nota 25.

28. J. PINHO MONTEIRO, O acampamento do Bronze Final das Pontes de Marchil. *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Lisboa/Setúbal, 1980, p. 43-45.

29. C. TAVARES DA SILVA e J. SOARES, *op. cit.*, nota 6.

Fig. 10 : *Artefactos característicos dos diversos períodos da paleo-ocupação humana da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos.*

Vale Marim (*Mesolítico de facies geométrica, com trapézios*) :

- 1 — *microburil* ;
- 2 — *lamela de bordo abatido com truncatura* ;
- 3 e 4 — « *encoches* » ;
- 5 a 10 — *trapézios*.

Vale Pincel I (*Neolítico antigo*) :

- 11 — *raspador duplo sobre lâmina longa* ;
- 12 — *furador* ;
- 13 — *lamela de bordo abatido arqueado e de base retocada* ;
- 14 — *lamela denticulada* ;
- 15 — *lamela com lustre de « cereal »* ;
- 16 — *trapézio de base menor retocada* ;
- 17, 18 — *segmentos de círculo* ;
- 19 a 21 — *cerâmica com decoração impressa a punção e plástica* ;
- 22 — *cerâmica com decoração cardial*.

Vale Pincel II (*Neolítico final/Calcolítico inicial*) :

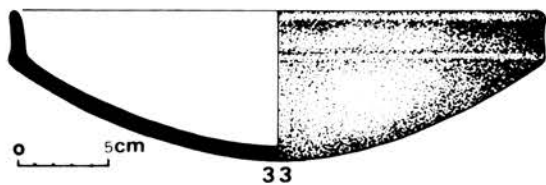
- 23 — *enxó* ;
- 24 — *placa paralelepipedica em cerâmica, com um orifício em cada topo (« peso de tear »)* ;
- 25 — *taça de bordo espessado* ;
- 26 — *taça de carena alta* ;
- 27 — *esférico alto com mamilos junto do bordo*.

Monte Novo (*Calcolítico*) :

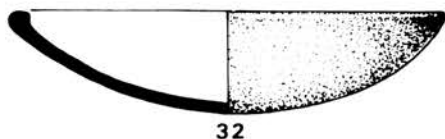
- 28 — *ponta de seta de base recta* ;
- 29 — « *crescente* » em cerâmica ;
- 30 — *prato de bordo almendrado* ;
- 31 — *taça de bordo espessado*.

Quitéria (*Bronze II do Sudoeste*) :

- 32 — *taça em calote de esfera com o bordo « enrolado »* ;
- 33 — *taça de carena média e parede côncava* ;
- 34 — *taça tipo Atalaia* ;
- 35 — *taça hemisférica de fundo aplanado* ;
- 36 — *vaso de colo estrangulado decorado por nervuras* ;
- 37 — *vaso de colo estrangulado decorado por bandas horizontais*.



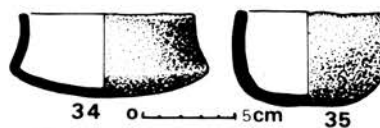
33



32

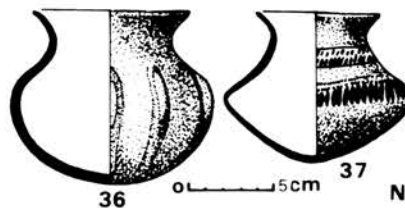
QUITÉRIA

POVOADO



34

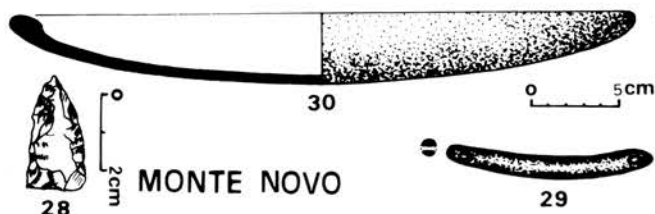
35



36

37

NECRÓPOLE



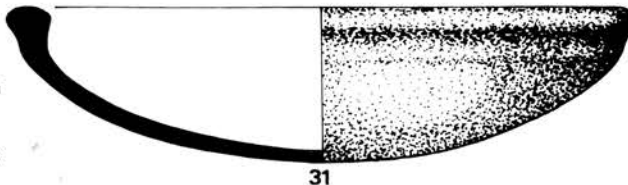
30

0 5cm

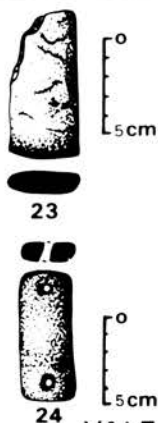
28

MONTE NOVO

29



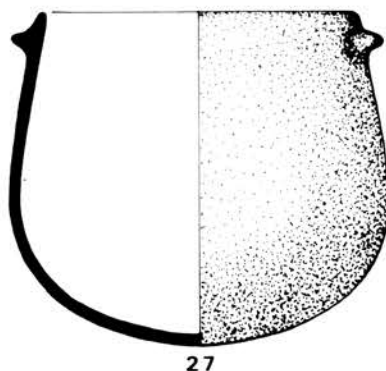
31



23

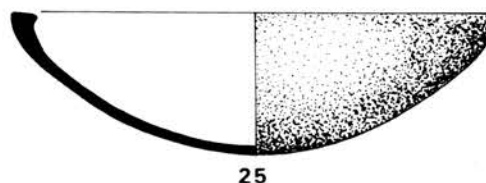
24

VALE PINCEL II

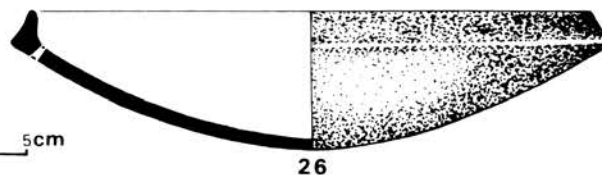


27

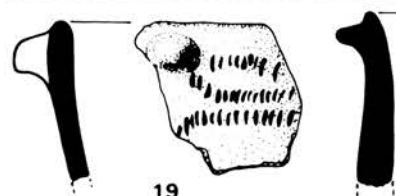
0 5cm



25



26

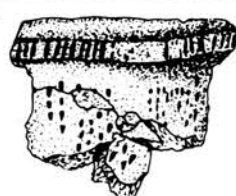


19

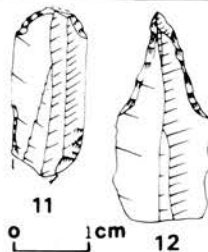
20

21

0 2cm

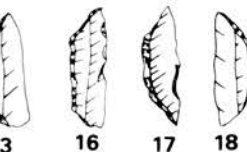


22



11

12

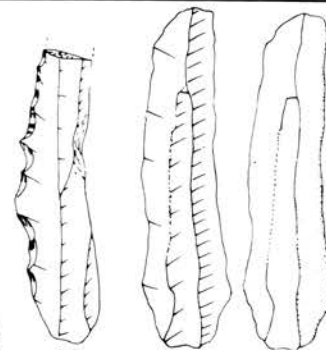


13

16

17

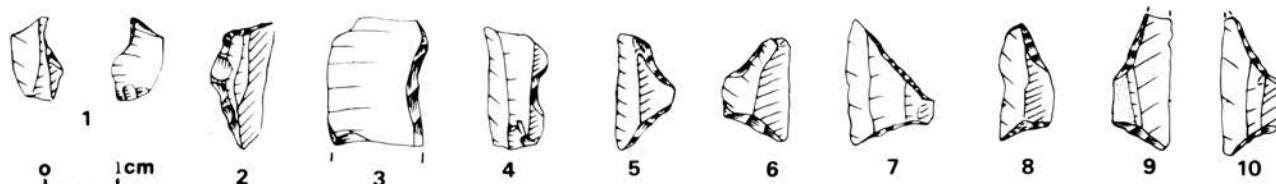
18



14

15

VALE PINCEL I



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

VALE MARIM

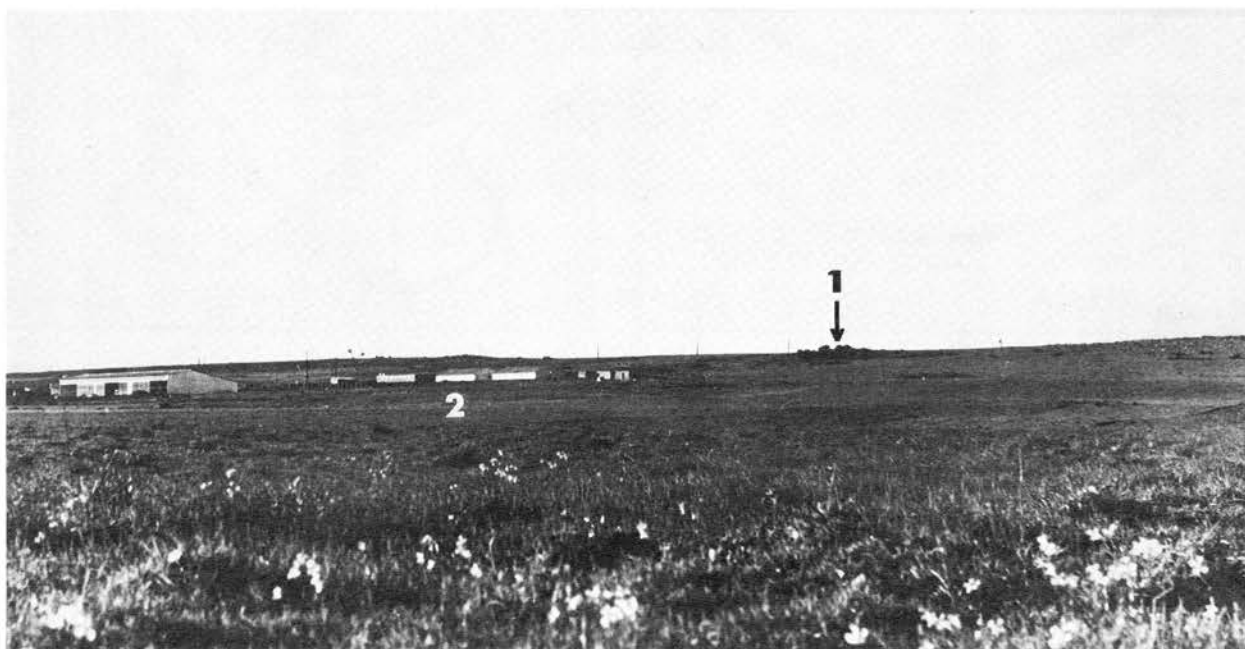


Fig. 11 : *Monte Novo*

(1) situa-se numa área de cota elevada, com boas condições naturais de defesa, da encosta Sul dos Chãos de onde se domina uma vasta paisagem e onde existe grande densidade de afloramentos de gabro-dioritos, complemento potencial da estruturação do habitat. O povoado e necrópole da Quitéria

2) implantaram-se em uma zona plana do sopé dos Chãos sem condições naturais de defesa.